

Tambores de maracatu de baque virado: possibilidade e articulações com o design

Marcel Costa Azeredo

Universidade Federal de Itajubá-MG - UNIFEI

<http://lattes.cnpq.br/5248400291027640>

azeredomarcel@gmail.com

Adilson da Silva Mello

Universidade Federal de Itajubá-MG - UNIFEI

<http://lattes.cnpq.br/4758034136465394>

prof.adilsonmello@gmail.com

Carlos Alberto Máximo Pimenta

Universidade Federal de Itajubá-MG - UNIFEI

<http://lattes.cnpq.br/6014753937589029>

carlosalbertopimenta@gmail.com

Resumo:

Este estudo trata-se da interdisciplinaridade entre os campos da cultura, tendo como eixo condutor o construtor de tambor de maracatu de baque virado com os saberes do artesão e do luthier dialogando com o campo do design. Essas interlocuções com o construtor de tambor tem o caráter relevante ao ampliar perspectivas para a sua prática. A elaboração metodológica apresenta um percurso teórico sobre o maracatu de baque virado e o construtor de tambor, em seguida, são feitas articulações teóricas com os campos do artífice, luthier e design. Por este estudo foi revelado as aproximações entre o construtor de tambor e o campo do design ao pensar os processos de fabricação do instrumento e as transformações que este artefato revela nas composições dos seus elementos.

Palavras-Chave:

Maracatu; Tambor; Artesão; Luthier; Design.

Eixo temático:

Design, materiais e tecnologias.

Baque Virado maracatu drums: Possibility and articulations with the design

Abstract:

This study deals with the interdisciplinarity between the fields of culture, having as a guiding axis the builder of the drum of maracatu de baque virado with the knowledge of the craftsman and the luthier dialoguing with the field of design. These dialogues with the drum builder are relevant in expanding perspectives for his practice. The methodological elaboration presents a theoretical path about maracatu de baque virado and the drum builder, then theoretical articulations are made with the fields of craftsman, luthier and design. This study revealed the approximations between the drum builder and the field of design when thinking about the instrument's manufacturing processes and the transformations that this artifact reveals in the compositions of its elements.

Keywords:

maracatu; drum; Craftsman; luthier; design.

1 Introdução

Este trabalho tem como eixo central o saber-fazer do construtor de tambor de maracatu de baque virado dialogando com os campos do artesão, luthier e design. As tecnologias, as habilidades para escolher suas matérias-primas, capacidade de negociação são os elementos que compõem o saber-fazer desse ator.

O tambor revela uma complexidade de processos com elementos humanos e não-humanos, que afetam a sua fabricação e inserem o construtor de tambor em uma rede com diferentes atores. Essa rede revela diferentes estratégias e negociações do construtor de tambor para a fabricação dos tambores.

O presente estudo se faz relevante dado a carência de estudos acadêmicos na temática do maracatu de baque virado que tem como proposto um esforço intelectual para revelar as práticas do construtor de tambor, assim como a diversidade deste artefato.

Percorrendo as práticas do construtor de tambor, sua complexidade nas técnicas, nas escolhas dos materiais, nas relações com fornecedores e clientes, a reflexão desse estudo busca responder a seguinte questão: é possível fazer aproximações entre o construtor de tambor e o design?

A construção metodológica deste estudo está fundamentada na pesquisa realizada com o construtor de tambor, Flávio “Itajubá” da cidade de Tremembé-SP, no período de março de 2021 a fevereiro de 2023. Para essa pesquisa foi utilizada os recursos das entrevistas abertas com o construtor de tambor, privilegiando as falas sobre a construção dos tambores e os registros visuais com o celular dos pesquisadores.

A escrita deste trabalho é fundamentada teoricamente em um levantamento bibliográfico, em seguida, pesquisa de campo, seguidamente, a apresentação dos dados pela perspectiva da teoria Ator-Rede (TAR) e, por fim, o diálogo com o design estruturados da seguinte forma: I – busca das produções científicas nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) Brasil e Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com as palavras-chave “maracatu”; “luthier” e “design”; II – seleção das produções científicas que tratassem a temática do construtor de tambor, em determinados momentos, chamado de luthier; III – escolha das produções acadêmicas que dialogam maracatu, luthier e design; IV – entrevistas em campo com o construtor de tambor; V – revelar os elementos humanos e não-humanos na fabricação do artefato entrelaçando com o design.

Para a elaboração textual em primeiro momento faço a localização da temática do maracatu de baque virado, em seguida, a perspectiva da sociologia das associações, por último, faço uma incursão pela fabricação dos tambores dialogando com as possibilidades do design.

2 Metodologia

A proposta metodológica foi alicerçada na interdisciplinaridade dos saberes do maracatu, artífice e design com um esforço para pensar aproximações entres esses campos a fim de alargar a produção do conhecimento acadêmico. A partir dessa compreensão pensar a temática do construtor de tambor por diferentes ópticas, revelar as suas afetações e o artefato, tambor, em sua multiplicidade de significados constituem a travessia deste estudo.

Inicialmente foi realizada um levantamento bibliográfico sobre o maracatu de baque nas bases de dados científicas, especificando o ator – construtor de tambor – para descrever o seu saber-fazer que pode ser entendido como todo o conhecimento, seja formal ou informal, que o construtor de tambor desenvolveu na sua trajetória para a fabricação dos tambores de maracatu. Em um segundo momento é realizada uma incursão nas entrevistas realizadas no período de 2021 a 2023 com o construtor de tambor, juntamente com a rede de pessoas que compraram o seu tambor com o propósito de revelar as afetações para a fabricação do artefato e, por fim, o diálogo com o campo do design.

3 Maracatu: baque virado

O maracatu de baque virado fez ecoar os seus tambores e toda a sua riqueza em terras Pernambucanas, sua origem nos leva a cultura do povo negro, “o maracatu existe desde que a escravidão existe no Brasil, ao som dos seus tambores pedindo força a orixás, caboclos e santos” (SILVA, 2018, p. 78).

O maracatu, em sua diversidade, compreende “um processo histórico, cheio de nuances, tensões [...] realizadas por pessoas e comunidades negras, socialmente periféricas [...] sempre em constante transformação” (CARVALHO, 2007, p. 13-14).

Os estudos que percorrem o surgimento do maracatu revelam que os “rituais de coroações dos Reis do Congo. Estas coroações eram realizadas pelas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito” (OLIVEIRA, 2011, p. 15). Guerra-Peixe (1950) afirma que o registro mais antigo sobre o Rei do Congo em Olinda no estado de Pernambuco data de 1711.



Figura 1: Carlos Julião. “Coroação de uma rainha negra na Festa de Reis”, c. 1776.

Fonte: Documentos UFPR.

No campo do maracatu “existem dois tipos de maracatu, a nação ou baque virado, e o maracatu rural ou de baque solto ou de orquestra” (OLIVEIRA, 2011, p.11). Essa tipologia surge a partir dos estudos do Guerra-Peixe em sua relevante obra, *Maracatus do Recife* (1950), conforme Guillen (2007) entre 1949 e 1952 existia uma certa dificuldade em categorizar os maracatus que eram estudados por intelectuais, folcloristas, jornalistas e Guerra Peixe faz a distinção entre os maracatus como sendo: maracatu nação ou baque virado enquanto o outro como orquestra ou baque-solto envolvendo diferenças nas composições dos personagens, danças e instrumentos musicais dos maracatus.

O Maracatu Nação segundo Guillen (2018) afirma:

Apresentando-se ritualmente em um desfile, rei e rainha são circundados por um séquito de nobres e acompanhados por um grupo percussivo que anuncia a presença do casal real. Abrindo o desfile, temos um estandarte e as calungas (bonecas que são consideradas como entidades espirituais), conduzidas pelas damas do paço, secundadas por baianas e casais da “nobreza” ricamente vestidos. Esse séquito anuncia a chegada do rei e da rainha da “nação”, trajando ricas fantasias, ornados com coroa, espada e cetro, e recobertos por um grande guardasol (pálio). Ao final do cortejo, encontra-se o conjunto musical, composto por instrumentos de percussão: grandes tambores conhecidos como “alfaias”, caixas de guerra, gonguê, mineiro ou abê. (GUILLEN, 2018, p. 140).

Tsezanas (2010) ressalta a importância dos cultos afro-brasileiros realizados em Pernambuco em meados dos anos de 1950 vinculados ao maracatu nas práticas conhecidas como candomblé ou xangô pernambucano e carregavam um caráter legitimador de maracatu tradicional. Lima (2006) atenta-nos que esses vínculos entre os maracatus e religião pode ser construído de forma única em cada nação onde encontra-se grupos vinculados a uma ou mais religiões e até mesmo a nenhuma prática religiosa.

Por uma perspectiva histórica Lima (2014) faz uma incursão nos maracatus percebendo as movimentações dessa manifestação cultural ao se expandir para demais regiões do Brasil com o movimento do Mangue Beat a partir dos anos 1990 e do grupo Maracatu Nação Pernambuco e reflete sobre as distinções entre os maracatus-nação e os grupos de maracatu.

Esses maracatus são distintos entre si e podem ser agrupados em duas grandes categorias. A primeira é a dos denominados maracatus-nação, formados majoritariamente por comunidades de negros e negras que compartilham práticas e costumes, dentre os quais se destacam as religiões de divindades e de entidades [...] uma categoria que não pode ser classificada como nação, já que não possui vínculos comunitários, ganha maior visibilidade. Trata-se de grupos percussivos formados normalmente por jovens brancos de classe média, interessados, sobretudo, em fazer música (LIMA, 2014, p. 71-72).

Em uma incursão pela orquestra de percussão do maracatu de baque virado conforme o dossiê de Maracatu Nação: Inventário de Referências Culturais – INRC do Maracatu Nação (2014) o batuque é composto alfaias/tambores, gonguê, caixas de guerra e taróis, mineiros ou ganzás. Posteriormente foram inseridos outros instrumentos como abês e atabaques.

Tsezanas (2010, p. 105) argumenta que “a maioria dos instrumentos é confeccionada com técnicas desenvolvidas pelos próprios batuqueiros. No dossiê de Maracatu Nação: Inventário de Referências Culturais – INRC do Maracatu Nação (2014, p. 16) afirmam os “modos de confeccionar instrumentos e tocá-los, tudo é eivado de um ethos feito e refeito por pessoas que vivem juntas, seja territorialmente, seja pela prática comum de uma fé ou devoção”. Para Souza (2012) a alfaia ganha significados múltiplos no maracatu ao representar o aspecto técnico e artístico para celebrar em festa os orixás.

Oliveira (2011) evidencia a construção artesanal do tambor de maracatu de baque virado com a seguinte formação: corpo de madeira (tronco de macaíba ou madeiras de compensado) com o formato redondo, na parte superior e inferior são colocadas peles de animal, seguidas de dois arcos/aros de madeira com determinados furos para passar as cordas e fazer a afinação do instrumento.



Figura 2: Bojo ou corpo do tambor.

Fonte: Instagram do construtor de tambor

Disponível em: <https://www.instagram.com/itajuba_instrumentos_artesanais/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

Na figura 2 é possível perceber os detalhes para a fabricação do corpo/bojo do tambor de maracatu, em um primeiro momento é realizada a escolha da madeira que nesse caso foi uma folha de compensado de 4mm envergada para atingir o formato redondo, em seguida, é colada uma madeira (emenda) que auxilia na união do corpo/bojo e, por último, são coladas duas camadas de madeira (alma) para reforçar o instrumento que precisam passar por um processo de desbaste (corte) para não entrar em contato com a pele do instrumento e, facilmente, poder furar/ estourá-la.

Para a escolha da madeira Souza (2012) revela que nesse processo é necessário um extenso domínio sobre as características da madeira, que abrangem os modos de cortar e manuseá-la, com a finalidade de extrair uma diversidade sonora para compor a orquestra percussiva do maracatu, assim as medidas, os furos e as cordas geram afetações na fabricação e na sonoridade dos tambores.

Feita a escolha das madeiras para o bojo do tambor, é feito corte no sentido da madeira que proporcione curvar ou envergar para deixar no formato redondo, os tambores podem ter 16 polegadas - menores para tambores infantis - e chegam por volta de 22 polegadas de acordo com a necessidade dos batuqueiros e grupos. Esse processo pode ser realizado a partir de um molde para conseguir chegar no formato desejado como mostra a figura 2.



Figura 3: Molde para a fabricação do corpo dos tambores.

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2022).

As imagens da pesquisa encontram-se no Google Drive do pesquisador.

Esse molde (figura 2) foi fabricado pelo construtor de tambor pesquisado neste estudo para deixar os tambores no formato solicitado pelos batuqueiros. A madeira, chapa de compensado Sumaúma (geralmente mais utilizada pelo construtor), é colocada no interior desse molde dando o formato redondo e auxiliando na colagem da emenda para reforçar a estrutura do tambor e, posteriormente, colar as duas camadas da alma no tambor que passam por um corte (desbaste) com uma serra tico-tico para evitar o atrito da pele com essa parte do tambor.

A realização desses processos no bojo do tambor é seguida por um pequeno furo no corpo do tambor feito com uma furadeira para ser a saída de som do instrumento e pode ter um acabamento ou revestimento de ferro. Por fim, esse bojo tem o acabamento com diferentes técnicas, pinturas e desenhos que ganham significados diversos. Guerra-Peixe (1980) ao estudar as nações de maracatu revela que as pinturas nos tambores têm os aspectos estéticos, conservação das madeiras, vedar passagens de ar e religiosidade ao vincular as cores da nação com o orixá regente de cada nação.

A riqueza do maracatu de baque virado atravessa os elementos humanos e não-humanos, concordando com a proposta do Latour (1992) que pessoas, organizações ou artefatos são compreendidos como atores pela sua afetação no social. Nessa compreensão Lima (2016, p. 19) afirma “são [...] movimentos de agregação entre distintos atores sociais, capazes de co-produzirem bens e subjetividades, técnicas e saberes, ambientes e culturas, artefatos e artifícios”.

Pensando nessa perspectiva latouriana sobre os maracatus, Silva (2018, p. 139) afirma “assim os búzios ditam caminhos, o celular está na composição das loas, [...] os atabaques evocam os de ‘lá’ e as redes sociais percorridas por aplicativos e mídias constroem um fazer maracatu”. E pensar a

complexidade do construtor de tambor, o seu saber-fazer envolve uma série de elementos humanos, não-humanos e afetações que percorrem a sua prática e podem dialogar com diferentes campos teóricos. Filho e Barros (2022) afirmam que os artífices que trabalham em pequenas oficinas desenvolvem uma série de gerenciamentos com sua rede de fornecedores e colaboradores, trocas econômicas, métodos e estratégias.

O saber-fazer do construtor de tambor dialoga com as perspectivas do Sennett (2015) que o trabalho artesanal significa um impulso humano inerente na busca pela excelência dos artefatos, que é afetada por questões sociais, econômicas e políticas fazendo o construtor de tambor transitar entre identificação e resolução de problemas.

Santos (2017) ressalta a metamorfose de técnicas, fundamentos e a criação de artefatos como sustentação do saber-fazer do construtor de tambor. Souza (2012) identifica os processos de construção do tambor como bricolagem, o artefato é fabricado a partir dos recursos materiais disponíveis.

A luthieria, apesar de estar ligada aos instrumentos de cordas, permite ampliar a compreensão do saber-fazer do construtor de tambor conforme Pereira (2018) ao apontar que os conhecimentos do luthier são transmitidos oralmente nas oficinas, atravessando gerações e as relações entre mestre/aprendiz. De acordo Roque (2012) a luthieria perpassa somente as habilidades manuais, percorrendo a construção de habilidades auditivas, estéticas, geométricas e aos conceitos de design.

O entrelace com o campo do design segundo Pereira e Corrêa (2019) está nos processos de criação, projeção e produção. Souza e Barros (2022) apontam que a perspectiva do Design, os processos de atualização e o experimentalismo permitem a criação de novas ferramentas, materiais, tecnologias e processos.

“Essa constante inquietude do Design, proporciona uma visão crítica e apurada de várias áreas do processo de construção de um artefato e podem ser, portanto, adaptadas aos universos de um instrumento musical. Como ele é usado, como é percebido pelo usuário, quais os significados que emanam da relação entre as pessoas e os objetos, de que forma posso transformar o processo de construção mais eficaz, como posso proporcionar um instrumento mais atrativo, seja sonoramente ou plasticamente etc.” (FILHO; BARROS, p. 88).

Com essa perspectiva fazer uma incursão nessa temática nos revela a diversidade de práticas dos construtores de tambor. Nas saídas de campo foram registrados os artefatos fabricados pelo Flávio “Itajubá” com madeiras, cores e técnicas diferentes que são apresentadas a seguir.



Figura 4: Tambor com a técnica de pontilhismo.

Fonte: Acervo pessoal de Felipe Silveira (2022)

Imagem cedida aos pesquisadores pelo proprietário Felipe Silveira.

Este tambor (figura 3) foi encomendado por um cliente de São Luiz do Paraitinga – SP, que buscou o Flavio “Itajubá” para fabricar um tambor com as madeiras Muiracatiara, madeiras que são usadas na sua pousada, e a simbologia da araucária, encontrada em sua pousada e tatuada em seu corpo. A araucária desenhada no artefato foi realizada com a técnica de pontilhismo, segundo Filho e Barros (2021) a inovação é presente na prática do luthier. O construtor de tambor conforme Lima (2010, p. 89) tem a “liberdade de criação e de implementação de pensamentos estratégicos”, assim ampliando e transformando a sua prática constantemente conforme o relato a seguir.



Figura 5: Tambor de Palmeira Imperial

Fonte: Imagem cedida aos pesquisadores pela proprietária Fernanda Echuya (2022)



Figura 6: Caixa do Divino com marchetaria

Fonte: Imagem cedida aos pesquisadores pela proprietária Fernanda Echuya (2022)

Os artefatos presentes nas figuras 4 e 5 são respectivamente, um tambor de Palmeira Imperial e uma Caixa do Divino. O tambor de Palmeira Imperial (este material demanda uma série de atores que inicia com a liberação de órgãos governamentais para cortar a palmeira, seguida pela equipe de profissionais que vão cortar e transportar a palmeira até o construtor de tambor) foi um pedido da cliente do Flávio “Itajubá” pois representa a sua região, o axé (ligação com a sua ligação) e a sonoridade que buscava no instrumento. Esse material permite fabricar um artefato mais pesado e com um som mais grave.

A caixa do divino (figura 5) representa a diversidade das confecções do construtor de tambor ao fabricar este artefato que a cliente utiliza para tocar no coco de roda, manifestação cultural de Pernambuco, e inovar ao inserir uma esteira na parte debaixo do instrumento para tocar no marabaixo, manifestação cultural do Pará. Filho (2016, p. 93) afirma “novos materiais são utilizados, as técnicas de execução são transformadas e assim surgem novas funções e representatividades simbólicas para uma determinada comunidade”. Essas transformações encontram com a tradição e nessa perspectiva concordamos com a argumentação de Filho e Barros (2022, p. 87) “a tradição tem por essência a inovação e caminham unidas para o fortalecimento de uma prática”.

Pelas redes que formaram nas saídas de campo encontramos um cliente que gerou uma série de afetações no artefato do Flávio “Itajubá”, com uma carreira musical no universo do jazz, o tambor foi utilizado como um bumbo de bateria para compor uma percussão que utiliza em suas apresentações.



Figura 7: Batedor de bumbo duplo com bacalhau.

Fonte: Autores (2022).

Na figura 6 pode-se perceber que o artefato construído pelo Flávio “Itajubá” teve algumas transformações, em um primeiro momento coloca-se um pedal de bateria com batedor duplo em que um batedor é de bateria e o outro é um bacalhau (utilizado na zabumba), permitindo que amplie a sonoridade do instrumento e toque como se fosse uma zabumba o tambor de maracatu. Filho e Barros (2022, p. 90) afirma “ao olhar para os desenhos e medidas é possível analisar como os projetos foram pensados e entender de que forma as proporções e as mudanças delas se relacionam com contextos mais amplos e resultam ao alterar os instrumentos musicais, processos de atualização ou inovação”.

Os artefatos revelam a complexidade do saber-fazer do construtor de tambor e permite a construção acadêmica de novos entrelaces do conhecimento. O olhar do design traz importantes contribuições para as práticas do construtor de tambor, pensando em novas soluções para as problemáticas desse ator que precisa gerenciar uma série de processos e elementos para a fabricação dos tambores.

4 Considerações finais

Este trabalho por meio de um esforço busca o entrecruzamento dos saberes, o construtor de tambor como o fio condutor das reflexões que dialogam com os campos do artífice, luthier e design para alargar fronteiras, abrir fendas no conhecimento para novas perspectivas e caminhos científicos.

Com o objetivo de contribuir com a produção acadêmica ao dialogar com o saber-fazer do construtor de tambor com o campo do design este trabalho apresenta como olhar os processos e afetações podem contribuir com a fabricação do artefato, o entendimento dos problemas e soluções para a sua prática e como desenvolver as noções de inovação, com os riscos premeditados, para ampliar as redes que o artefato atinge.

Os limites deste estudo podem ser apontados pelo tempo de pesquisa desenvolvida que não permitiu que fossem realizadas saídas de campo com outros construtores de tambores para revelar como pensam a sua prática e se dialogam com outros saberes.

Para estudos futuros considera-se importante um aprofundamento na interdisciplinaridade que envolve o construtor de tambor com o design e como as novas tecnologias (por exemplo: impressão 3D) podem afetar a fabricação dos tambores.

5 Referências bibliográficas

ALBERNAZ, L. S. F.; OLIVEIRA, J. "Sinfonia de tambores: comunicação e estilos musicais no maracatu nação de Pernambuco". **Revista Antropológicas**, v. 26, p. 75-102, 2015.

BARBOSA, Daniel Silveira de Almeida. **Acrocomia intumescens e as demais plantas sagradas dos tambores do Maracatu**. Monografia (Monografia em Engenharia Florestal). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2011.

CUNHA, Maximiliano Wanderley Carneiro da. **O som dos tambores silenciosos: performance e diáspora africana nos maracatus nação de Pernambuco**. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

FARIA, Flavio Augusto de. [2022]. Entrevistador: Marcel Costa Azeredo. Taubaté, 2022. Internet. Entrevista sobre o conhecimento do construtor de tambor.

FERREIRA, Cleison Leite. **O espaço dos Maracatus-Nação de Pernambuco: território e representação**. 2012. xii, 123 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

FIALHO, Laís Azevedo. O Maracatu-Nação como resistência cultural e religiosa afro-brasileira. **VIII Congresso Internacional de História. XXII Semana de História**. VIII CIH. 1315 – 1321, 2017.

FILHO, Juarez Bergmann; BARROS, Thales Gonçalves; "Atualizações em Processos Artesanais de Construção de Instrumentos Musicais na Luteria", p. 83 -98. In: **Novos Horizontes da Pesquisa em Design: Coletânea de estudos do PPGDesign/UFPR**. São Paulo: Blucher, 2022. ISBN: 9786555502312, DOI 10.5151/9786555502312-05

GUERRA-PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. Irmãos Vitale Editores, Prefeitura do Recife, 1980;

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Guerra Peixe e os maracatus no Recife: trânsitos entre gêneros musicais (1930-1950). **ArtCultura**, [S. l.], v. 9, n. 14, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1460>. Acesso em: 25 jan. 2023

GUILLEN, I. C. . M. .; LIMA, I. M. . de F. . Os maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-1990). **Saeculum – Revista de História**, [S. l.], n. 14, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11350>. Acesso em: 25 jan. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

INSTRUMENTOS, Flávio Itajubá. Itajubá, 2022. **Instagram:**

@itajuba_instrumentos_artesanais. Disponível em:

https://www.instagram.com/itajuba_instrumentos_artesanais/. Acesso em: 15 jan. 2022.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Editora EDUFBA/Edusc, 2012.

LEMOS, André. **A Comunicação das Coisas**. São Paulo: Annablume, 2013.

LIMA, D. S. L. **Entre Atos, Rastros e Marcas:** uma cartografia de controvérsias sobre design e artesanato. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade). Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2016.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. As nações de maracatu e os grupos percussivos: as fronteiras identitárias. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 49, p. 71-104, June 2014. Available from <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912014000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Jan. 2023. <https://doi.org/10.1590/S0002-05912014000100003>.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatu e maracatuzeiros:** desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias. Recife, 1930 – 1945. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

LIMA, Ivaldo Marciano de França; GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Entre a cultura do espetáculo e a identidade Afro-descendente: os maracatus-nação do Recife. **Tempos Históricos (EDUNIOESTE)**, Marechal Cândido Rondon., v. 09, p. 169-186, 2006.

MACEDO, Tulio José Faria. [2022]. Entrevistador: Marcel Costa Azeredo. São José dos Campos, 2022. Internet. Entrevista sobre o tambor de macaíba e o pandeirão do Boi.

MARTINS, Nathália ; Avvad, Ana Paula . Análise semiológica da peça maracatu, para piano, de Egberto Gismonti. In: **Simpósio em Práticas Interpretativas**, 2014, Rio de Janeiro. Simpósio em Práticas Interpretativas. Rio de Janeiro, 2014.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; MELLO, Adilson da Silva. Entre doces, palhas e fibras: experiências populares de geração de renda em cidades de pequeno porte no sul de Minas Gerais. *Estudos de Sociologia*, [S.l.], v. 1, n. 20, maio 2014. ISSN 2317-5427. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235507>>. Acesso em: 06 fev. 2023.

MELLO, Adilson da Silva; JUNIOR, Ótávio Candido da Silva. Uma leitura da “circularidade” entre culturas em Carlo Ginzburg. **Revista Janus**, Lorena, v. 3, n. 4, 2006.

OLIVEIRA KEJ, Porto CM. **Educação e teoria ator-rede:** fluxos heterogêneos e conexões híbridas. Ilhéus: Editus, 2016.

OLIVEIRA, J. M. **Rainhas, mestres e tambores:** Gênero, corpo e artefatos no maracatunação pernambucano. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1001>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ROCHA, Simone Maria. A “cultura como recurso” e a autoexplicitação do gesto cultural em programas de televisão. **Comunicação & Sociedade**, Ano 31, n. 52, p. 155-178, jul./dez. 2009

SANTOS, Eder Rocha dos. (2022). Entrevista sobre a construção dos tambores de maracatu de baque virado. (Marcel Costa Azeredo, Entrevistador).

SILVA, Charles R. da. **O Mestre Apitou:** Mestres, Apitos, Nações de Maracatu e suas Ações Religiosas, Culturais e Políticas. TESE (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social de Florianópolis, Santa Catarina,

2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198797>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SILVEIRA, Felipe de Castro. [2022]. Entrevistador: Marcel Costa Azeredo. São Luiz do Paraitinga, 2022. Internet. Entrevista sobre o tambor feito com a técnica de pontilhismo.

Yúdice, George. **A conveniência da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.